



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de premiação das “Empresas mais Admiradas no Brasil”**

São Paulo-SP, 06 de novembro de 2006

Meu caro Cláudio Lembo, governador do estado de São Paulo,
Meu caro Aldo Rebelo, presidente da Câmara dos Deputados,
Nosso anfitrião Mino Carta, diretor de redação da revista Carta Capital,
Meu caro Prefeito,
Meu caro Beluzzo,
Ministros aqui, Marina, Fernando Haddad e Dulci,
Meu caro Altemir Gregolin, da Secretaria de Pesca e Aqüicultura,
Meu caro Aloizio Mercadante,
Meu caro Tuma,
Senadores da República,
Meus caros deputados Delfim Neto e Cassiano que estão aqui
presentes,
Meus amigos e minhas amigas,

O Mino foi sábio e vocês também pelo horário, porque nós temos que sair para Brasília antes das 11 horas, então nós temos que ir embora rápido. Mas eu queria dizer umas palavras. Mino, não vou ler meu discurso, fique tranqüilo. Eu saí de Brasília, Mino, para vir aqui, não só para participar dessa premiação da Carta Capital, mas para prestar uma homenagem especial à Carta Capital.

Eu penso que de vez em quando a humanidade precisa deixar a hipocrisia de lado e nós precisamos ser um pouco mais verdadeiros. Veja que absurdo, eu fiz uma campanha em que eu era obrigado, Roberto, a defender os bancos e os meus adversários criticavam os bancos e vocês votavam neles e



não em mim. E eu sabia disso. E eu defendia porque acho que vocês saudáveis dão menos prejuízo do que se tiver que criar um Proer, principalmente quando a gente estiver investindo mais e emprestando dinheiro para o Gerdau fazer mais uma fábrica em algum lugar deste País.

Mas eu estou começando a dizer isso, Mino, porque de vez em quando a Humanidade vive momentos de hipocrisia e muitas vezes todos nós embarcamos nela como se fôssemos inocentes. Eu me lembro que o Gorbachev, depois de sete anos como a figura mais importante do planeta Terra, pelo menos era o que alguns setores da imprensa brasileira falavam e também o New York Times, quando esse cidadão desmonta um país que bem ou mal existia e vai disputar as eleições, ele só teve 0,6% dos votos. Na verdade ele era bom para quem, “cara pálida”? Porque para o povo russo não foi naquele momento.

Num outro momento histórico nós vimos um cidadão levar o seu país à loucura que o Saddam Hussein levou o Iraque, vendendo uma força que não tinha, uma arma que não tinha, e um outro cidadão precisava da guerra porque tinha eleição e era preciso a justificativa, e um país foi destruído, uma parte do povo dizimado, e sabe Deus quantos anos vai se levar para recuperar aquilo sem que a gente saiba em que momento vai terminar com o terrorismo no mundo.

Mas o maior exemplo é o do Brasil. Aqui, em 1792, matou-se um homem, enforcaram, esquartejaram, penduraram sua carne nos postes para ninguém se lembrar mais dele. Trinta anos depois faz-se a independência, que foi a razão pela qual esse homem foi enforcado, e ele é transformado, depois da independência, em herói nacional, é proclamado patrono das Forças Armadas que o matou, e ainda hoje é tratado de inconfidente, embora seja o herói mais importante deste País.

Eu estou dizendo isso, Mino, para dizer para você não ter nenhuma preocupação de falar “povo”, porque se tem uma coisa que ficou nítida nessas



eleições é que neste País existe mais povo do que formadores de opinião. Existe muito mais povo e já não é possível alguém imaginar que pode enganar a sociedade a vida inteira. As pessoas estão aprendendo a perceber a verdade e a mentira, as coisas que são verdadeiras e as coisas que não são verdadeiras, entre aquilo que há dez anos era tratado como se fosse uma coisa corriqueira da política nacional, porque é tudo assim mesmo, e de repente, vira como se fosse a coisa mais danosa que acontece na humanidade.

Isso, meu caro Mino, o povo percebeu. Da mesma forma que um dia ele percebeu que era preciso os trabalhadores fazerem greve para se fazerem ouvir, da mesma forma que um dia ele percebeu que era preciso fazer a campanha das Diretas e foi para a rua, da mesma forma que um dia entendeu que era preciso cassar um presidente da República e foi para a rua, ele foi para a rua agora. Ele foi para a rua por uma razão muito simples: é que eles perceberam que estavam tentando tirar alguma coisa que eles tinham conquistado, sintetizado numa única palavra chamada cidadania.

Daí criou-se o sofisma de que alguém queria dividir o Brasil: “esse Lula quer dividir o Brasil entre ricos e pobres”. Não, eu não quero dividir, eu já nasci com ele dividido e, lamentavelmente, nasci do lado dos pobres. Eu poderia ter nascido senhor de engenho, mas nasci na senzala. Não fui eu quem dividiu, ele veio dividido. O que eu quero é repartir o pão produzido de forma mais justa, e quem estuda economia neste País, quem fala de economia com seriedade, sabe que o consumo, numa parte deste País, está crescendo a níveis que nunca cresceram, sobretudo na parte mais pobre deste País. Então, é essa a divisão. Nós queremos que uma parte da população vá para a classe média e a classe média suba mais um degrau e cada um suba mais um degrau até que todo mundo atinja a sociedade que nós achamos que seria ideal para o Brasil, como achamos que é ideal para a Dinamarca, para a Suécia, para a Finlândia, para a Noruega, para tantos outros países que eu acho que têm uma boa política social combinada com uma boa política de investimento.



Eu queria começar dizendo isso, Mino, para fazer jus à Carta Capital. Eu que te acompanho desde quando tentou salvar a Realidade, depois com a criação da Revista Veja e depois com a criação da Isto É; depois com a tentativa de criar o Jornal República. Você não fala das coisas que não deram certo e com o República não deu certo, mas era uma tentativa extraordinária de criar o Jornal República. E hoje você está aqui, com a revista que tem um público certo, endereço certo e seriedade certa, e você, como jamais um empresário de comunicação vai me ver, enquanto Presidente da República, ligar para pedir um favor: “não falem isso do governo, não falem mal do Ministro”. Para mim, a liberdade tem que ser plena, mas a liberdade plena exige responsabilidade, sobretudo seriedade.

Este País já viveu momentos muito difíceis, e os mais velhos, da nossa idade, Mino, viveram um tempo da receita de bolo nos jornais. Nós vivemos o tempo do pensamento único neste País, em que era proibido falar contra, e agora estamos outra vez: é proibido falar a favor. Quer dizer, nós mudamos do 8 para 80 com uma facilidade enorme. O que me move é a compreensão que eu tenho de que este País está no caminho certo, mais do que já esteve em qualquer outro momento da sua história. Não tenham dúvida disso. Agora, se eu pudesse decretar o crescimento de 7%, eu faria por Medida Provisória, para o Tuma e para o Aloízio Mercadante votarem. Não posso. Já se tentou inventar mágica neste País e não deu certo. Aqui está o Beluzzo, que é um grande economista, está o Aloízio Mercadante, está o Delfim, aqui no meio, e tem outros economistas importantes. Toda vez que se tentou inventar uma mágica, o País quebrou a cara alguns meses depois.

Eu quero dizer para vocês uma coisa, meu caro Mino Carta, e é por isso que eu vim aqui. Eu tenho consciência, muito mais do que consciência, eu sinto a necessidade de fazer com que este País cresça, até porque o crescimento vai ajudar o povo. O povo sendo ajudado, vai ajudar a classe média, a classe média sendo ajudada, vai ajudar os empresários, os empresários sendo



ajudados, vão ajudar todo mundo a viver bem. Nunca defendi e não defendo um país que tenha, de um lado miseráveis e de outro lado abastados. Eu quero que todo mundo possa viver com dignidade, e este País, para ser construído, é preciso da compreensão de todos, dos trabalhadores, dos empresários, do setor público, dos entes federativos, sejam eles municipais, estaduais ou federal, porque é preciso saber que, hoje, as prefeituras brasileiras estão quase todas falidas, não têm nenhuma capacidade de investimento, os estados não têm capacidade de investimento e a União tem pouca capacidade de investimento.

Nós precisamos de duas coisas: primeiro, já começamos a aumentar, não chegamos onde queríamos chegar, mas a poupança interna saiu de 17% para 23%, o que é um passo importante. Segundo, o crédito, e eu tenho certeza de que o Banco Itaú, hoje, e o Bradesco, estão ganhando dinheiro sim, comprando títulos do governo, mas estão ganhando como nunca ganharam, emprestando dinheiro para pobre através do crédito consignado.

Vejam, não é só a redução da taxa Selic que reduz o *spread* bancário não, porque a taxa Selic já caiu muito e o *spread* bancário não caiu ainda. Há um conjunto de fatores que envolvem o conjunto da sociedade e ninguém tem saída. Eu me lembro quando o vice-presidente da Fiesp era ministro da Fazenda do Sarney e achou que poderia resolver o problema do Brasil decretando a moratória unilateral. O que aconteceu? Eu me lembro quando o Collor anunciou que o Antônio Ermírio de Moraes estava tão pobre quanto um dirigente sindical que tinha tomado todo o dinheiro dele. Ou seja, eu não acredito em mágica, eu acredito em seriedade, até porque o crescimento que nós queremos para o Brasil não vai se dar num mandato presidencial, é preciso que a gente pense numa geração, ou quem sabe até um pouco mais, se nós quisermos fazer uma coisa sólida, madura, que não tenha retorno.

Este país, Mino, a Carta Capital tem contribuído para que nós possamos construí-lo e foi esse povo, sem preconceito, que deu outra vez, a este País, a



oportunidade de um presidente da república, que com o mesmo carinho que olha para um Guerdau e o chama de companheiro, esse presidente da República tem coragem de olhar para um Roberto Setúbal e chamá-lo de companheiro, contra outros que são do mesmo setor e não têm – porque banqueiro em campanha política é a peça-chave para todo mundo xingar, todo mundo xinga banqueiro. Eu não xingo nenhum banqueiro e, com o mesmo sorriso, Roberto, que eu te recebo dentro do Palácio do Planalto, eu recebo um sem-terra, eu recebo o rei da soja, eu recebo o rei do gado, eu recebo o rei do carro, mas também recebo um morador de rua, recebo o catador de papel, porque eles são tão brasileiros quanto nós, apenas não tiveram as mesmas oportunidades que nós tivemos. Este é o país de todos, que nós precisamos construir, sem preconceito.

Eu disse outro dia, num encontro com os catadores de papel: a desgraça do preconceito é que ele não pode ser reciclado, ele tem que ser exterminado da política, e no Brasil ele é muito forte. Eu digo sempre o seguinte: é que a imprensa sempre foi muito generosa comigo, acho que poucas pessoas são bem tratadas com eu, não tenho do que reclamar, mas uma coisa é importante: eu tenho um objetivo, ele é muito determinante para a minha vida, eu continuo achando que o Bolsa Família não é uma solução definitiva, ele é um cartão de crédito para a pessoa poder comer primeiro até que apareça um emprego para trabalhar, mas não aceito, que neste País, se fale cada vez que a gente gasta 1 real com política social. Dizem que a gente está gastando mal, não aceito. Gastar com política social num país em que metade da população vivia em condições de miséria é condição *sine qua non* para a gente poder ter o direito de gastar amanhã para fazer outras coisas. Porque no Brasil se vende muito pessimismo. Quando eu tomei posse, Guerdau, diziam assim para mim: o Brasil não tem infra-estrutura para exportar. E mais que dobramos a exportação, já atingimos 135 bilhões de dólares em 12 meses. Quem é que acreditava nisso há quatro anos atrás? Qual analista econômico acreditava nisso? “Ah, não tem



porto.” Tem, tem tudo, funciona mais ou funciona menos, e pode ser melhorado, pode e deve. Mas o que era feito antes? O que aconteceu com este País, a não ser o pensamento único de que não tinha espaço sequer para crítica?

Então, eu quero dizer, Mino, que é uma alegria estar aqui quando a Carta Capital, que não é a maior, que não tem, quem sabe, a quantidade dos anúncios de outros setores, tem a coragem de dizer que muito mais importante do que a quantidade de páginas, é a quantidade de seriedade das palavras que estão colocadas nessa revista.

Por isso, meus parabéns a você e meus parabéns aos empresários, sobretudo, eu vi alguns aqui, a Natura, a Petrobras, que não devem ter mais lugar para guardar prêmios, a Nestlé, a Gerdau, ou seja, de vez em quando é preciso dizer que quem já ganhou 10 não pode ganhar mais e pegar uns outros para ganhar, porque senão vão ficar só essas empresas extraordinárias, que são motivo de orgulho, e quando eu digo motivo de orgulho é porque eu não tenho vergonha de sair pelo Brasil vendendo as nossas empresas, não vendendo as nossas empresas, vendendo os nossos produtos. E quem viaja comigo para o exterior sabe que eu sou um verdadeiro mascate, não me abram os olhos para uma oportunidade e lá estará um empresário brasileiro tentando vender o seu produto, seja ele um produto da Embraer, seja um litro de álcool, seja um quilo de açúcar ou, quem sabe, um pouquinho de aço da Gerdau ou, quem sabe, um leitezinho da Nestlé, ou os produtos da Natura, ou o biodiesel e o Hbio da Petrobras.

Um grande abraço, meus parabéns a todos vocês, e parabéns, Mino.